

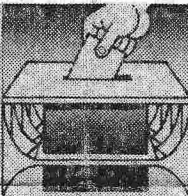
A festa das urnas



As famílias de Antônio e Francisco (no detalhe), eleitores da classe D/E: o voto sem estardalhaço, por pura simpatia

Pobres fazem opção atrás de comida

Moradores das favelas, em São Paulo, votaram no candidato com a esperança de conseguir alimentação farta, casa própria ou um terreno para construir; outros admitem que o escolheram por simpatia.



Eleitores das classes D e E votariam em Silvío Santos se fosse mantida sua candidatura; outros trocaram Maluf e Lula pelo candidato do PRN achando que sua eleição fará derrubar a inflação.

MAURO CARVALHO DA SILVA

Com os sapatos cobertos de poeira, camisa faltando botões e as calças esgarçadas, eles deixaram seus barracos e caminharam por ruas de terra até os colégios onde votaram. Carregavam poucos adesivos ou bandeiras, porque na memória já guardavam o nome e o número daquele a que aprenderam chamar de "candidato dos pobres". Eleitores das classes D e E, moradores da periferia de São Paulo, eles escolheram Fernando Collor de Mello para ser o presidente do Brasil. Sem algarra nas ruas e, quando muito acompanhados apenas das mulheres e filhos, foram ontem colocar nas urnas o "voto do macho", como definiu um deles.

Só com muita insistência se conseguiu descobrir em quem votaram. Muitos evitavam pronunciar o nome do candidato, balançando afirmativamente a cabeça quando o repórter perguntava se o voto havia sido dado a Collor. Também não se achava com facilidade quem soubesse esclarecer por que escolhera o candidato do PRN. "Não sei direito por que votei nele. Acho que por simpatia", arriscou Francisco Lívio Ribeiro, 58 anos, repositor de mercadorias no Supermercado Iguti, no Jardim São José, Parelheiros, Zona Sul.

Com um salário de NCz\$ 700,00 por mês, Francisco raramente tem carne nas refeições, pois para morar numa habitação coletiva no Jardim Icarai, Zona Sul, ele paga NCz\$ 250,00 por mês. Na maioria das vezes, o almoço e o jantar da família se limitam a arroz, feijão, verdura ou ovo, dieta insuficiente para alimentar duas filhas, um neto, um filho adotivo e a mulher.

Francisco espera que Collor dê um jeito de melhorar o cardápio da família e arrume para ela pelo menos um terreninho. "Se não der para ele conseguir uma casa para gente, que pelo menos dê um terreno que eu mesmo construo", disse. A esperança de ter a sonhada casa própria e alimentação farta levou Francisco e a família a acabar com a fidelidade a Maluf, em quem sempre votaram, para escolher Collor.

A família do cobrador de ônibus João Bispo dos Santos, 56 anos, também fez a mesma coisa. "Meus nove filhos casados e as noras também votaram no Collor", disse ao deixar a Escola Professor Carlos Ayres, no Parque São Paulo, Grajaú, Zona Sul, onde votou. Viúvo, salário de NCz\$ 1.100,00 por mês, que consegue trabalhando uma média de 12 horas por dia, João Bispo disse ser obrigado a morar numa favela, pois o salário é insuficiente para pagar aluguel.

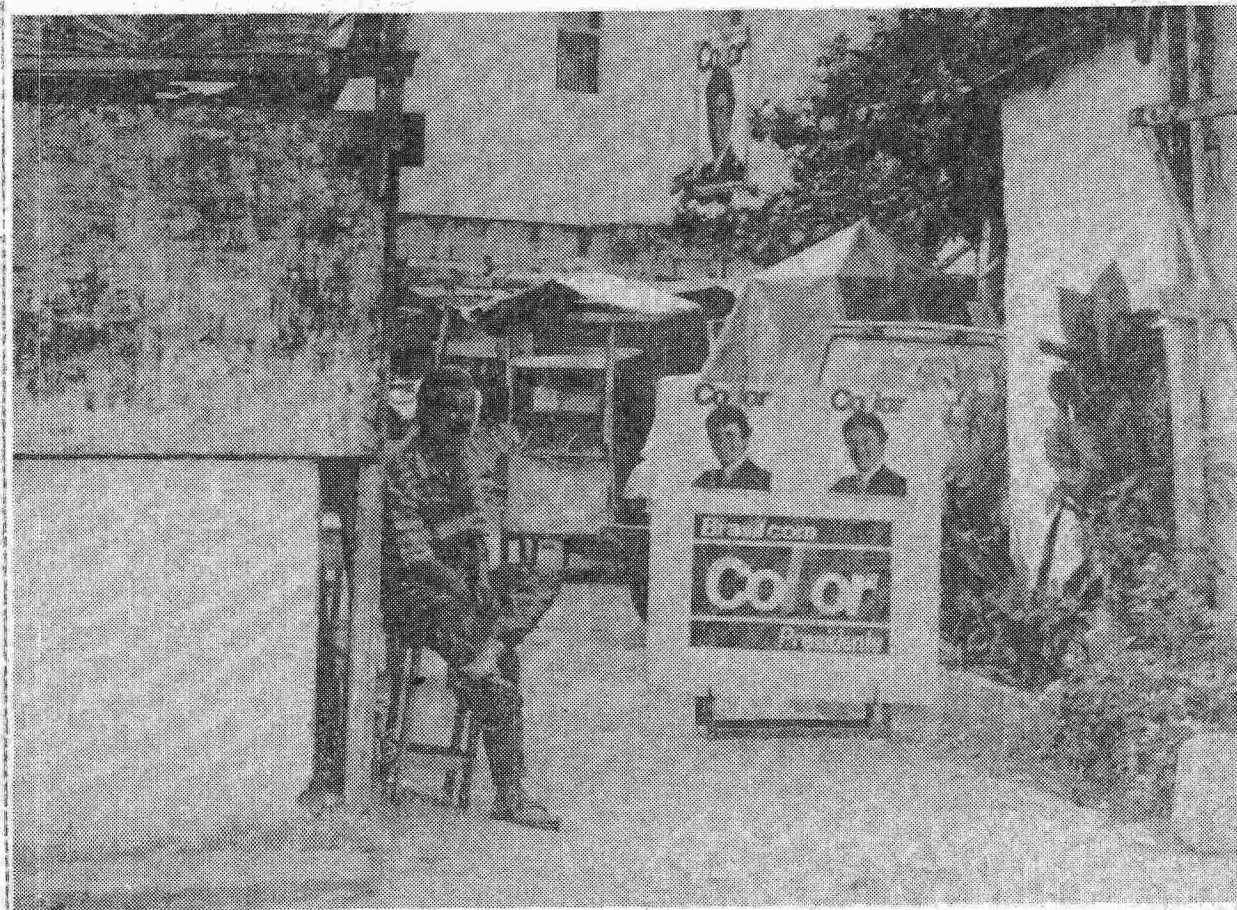
O candidato preferido da família era Silvío Santos. "Mas como ele foi cassado, nós conti-

nuamos com o Collor", disse. "Foi com ele que nós simpatizamos", acrescentou. João Bispo não sabe nada a respeito de Collor, nem tem certeza de que irá realizar tudo que prometeu. "Achei ele simpático e pronto", resume.

A lavadeira Dilma Silva dos Anjos, 41 anos, também escolheu o candidato do PRN. "Minhas amigas disseram que votaram nele porque é bonito", afirmou, "mas votei porque acho ele honesto". Dilma espera que Collor, quando presidente, consiga colocar comida mais farta na mesa de seus quatro filhos e a livre da tristeza de morar numa favela.

"O Lula é greve. Greve é guerra. Guerra é fome." Com esses argumentos, o cearense Antônio Alves dos Santos, 43 anos, optou por Collor e não pelo candidato do PT. Ele fez questão de se manifestar e agitar bandeiras. "Votei nele porque é cabra macho", disse. "Ele foi o único a dizer a verdade, a acusar o Sarney e o Congresso de corruptos", acrescentou. Com a vitória de Collor ele espera sair da favela Beira Rio, na Vila Maria, às margens da via Dutra, onde mora com a mulher e cinco filhos.

Antônio Alves trabalha como autônomo, fazendo carga e descarga para as transportadoras da região. Ganha NCz\$ 1.200,00, o suficiente para dar às crianças um bife de acém todos os dias e fazer uma feira por mês.



Walter Firmo/AE

No minúsculo jardim da casa mais simples, a alegria de poder escolher o presidente